



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



POVO DE REZA E GENTE DE FESTA

Girley Oliveira dos Santos
Graduanda em Licenciatura em História
Universidade do Estado da Bahia UNEB/DEDC-XIII
gi.cyber@hotmail.com

O presente trabalho pretende fazer um estudo histórico sobre a festa de Santo Antonio ocorrida no povoado do Argoim durante as primeiras semanas do mês de junho, propondo-se a discutir os aspectos sagrados e profanos imbuídos no cotidiano festivo da referida localidade. Assim, procura também, observar a quebra da rotina e os momentos de lazer proporcionados pelo evento que em muito influenciam a cultura local. Bem como, procura discorrer sobre a relação estabelecida entre o homem e o sagrado, a partir do cuidado empregado na organização das trezenas, que em muito revelam elementos do catolicismo popular ao mesmo tempo em que, demonstram as características peculiares que regem o grande teatro da fé, e os momentos de descontração proporcionados pelas atividades oferecidas durante os treze dias festivos.

Palavras - chave: Festa religiosa; catolicismo popular; Religiosidade.

POVO DE REZA E GENTE DE FESTA

Sobre a devoção e construção de locais para adoração a Santo Antonio, Luiz Mott nos informa que: “(...) além das muitas Igrejas paroquiais, de que é titular, são inumeráveis as capelas e ermidas consagradas a seu nome, e fora destas não há algumas das outras que nos seus altares não coloque uma e muitas imagens de Santo Antonio”¹. (MOTT, 2007, p.186)

Assim, podemos perceber que este costume de construir capelas para adoração a santo Antônio já era uma prática recorrente em outros lugares. E ao analisar o catolicismo como a religião oficial do reino de Portugal e sabendo que a colonização da America Portuguesa tinha como uma das suas finalidades converter as almas, e professar a fé católica no *Novo Mundo*, desta forma os culto aos santos da referida religião, se expandiu pela então Terra de Santa Cruz, chegando até mesmo a pequenos vilarejos como o Argoim.

¹ APUD, MOTT, Luiz. Frei Antonio de Santa Maria Jaboaão, novo orbe sacrificio. II, pp.347 e ss.

De modo que, durante as duas primeiras semanas do mês de Junho, a comunidade de Argoim, se reúne para realizar os festejos a Santo Antonio. Trata-se de uma tradição antiga que teria se iniciado no Período Colonial, quando um português chamado Sr. Antonio, proprietário da fazenda Olhos D'Água, por volta dos anos de 1650 e 1700, teria construído uma capela para entronizar ao santo. E com o passar do tempo teria surgido algumas casas que deram origem ao povoado. (SANTANA, 2009, p.20)

Segundo Informações encontradas no site do IBGE, o povoado do Argoim em o povoado do Argoim, foi elevado à categoria de freguesia,

(...) através da Lei Provincial nº 1588 de 13 de agosto de 1875, assinada pelo Vice-Presidente da Província da Bahia, Dr. José Eduardo Freire de Carvalho, surgindo desse modo a Paróquia de Santo Antonio do Argoim e também o arraial com o mesmo nome grafado (Arquim). Alguns anos depois a freguesia foi anexada a Castro Alves, porém não desapareceu, mas conservou sua condição de freguesia².

Dessa forma, o Argoim, mesmo permanecendo na condição de freguesia, pertenceria ao município de Castro Alves. Entretanto, o povoado permaneceria nessa condição até o resultado de um plebiscito realizado em 25 de novembro de 1984, no qual fora decidido que o distrito de Paratigí (Rafael Jambeiro), que também pertencia ao município de Castro Alves, seria politicamente emancipado.

Com a emancipação política de Paratigí que passará a se chamar Rafael Jambeiro e sua territorialidade abrangeria também a área que compreendia o distrito de Argoim, que passou a fazer parte do município recentemente criado. Rafael Jambeiro faz limite com os seguintes municípios: Ipirá, Ipecaetá, Santo Estevão, Castro Alves, Santa Terezinha, e Itatim.

Essa explanação sobre elementos que compreendem a gênese do lugar, trajetória política e localização geográfica, tem o objetivo de apresentar ao leitor o local onde se desenrola nossa pesquisa, pois, por se tratar de um povoado, talvez muitas pessoas não o conheçam. E como pretendemos tratar aqui da cultura e tradição local, e para isso usaremos dos relatos orais, como fonte. E como em algumas falas dos entrevistados, foram citados nomes de personalidades que compuseram, o cenário político da época, é importante ressaltar que estas informações em muito contribuíram para afirmarmos o recorte temporal desta pesquisa.

É importante que os leitores possam visualizar a realidade político-histórico-cultural das pessoas que foram entrevistadas, pois elas que irão dar vida a este trabalho, com seu depoimentos, suas histórias de vida entrelaçadas ao tema que nos propormos a estudar que é a trezena de Santo Antonio. E como o período que demarcamos a analisar, trata-se das décadas

² IBGE, Rafael Jambeiro. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/rafaeljambeiro.pdf> (Acessado em junho de 2010)

de 70 e 80 do século XXI, podemos ver que na metade da última década, a região de Argoim, passou por esta mudança de sede administrativa.

A FÉ QUE NOS CONDUZ AO ARGOIM E A TRADIÇÃO MEDIEVAL.

O Argoim, por se tratar de um povoado, podemos entendê-lo como um local que faz parte de uma região agro-pastoril, onde as pessoas, sobretudo as mais idosas, tem uma forte ligação com o meio rural. Alguns de nossos entrevistados por exemplo, são pessoas que declaram que começaram a participar das trezenas de Santo Antonio, antes mesmo de residirem no Argoim. Essa afirmação não denota apenas o caráter religioso que movimentavam as pessoas que residiam na região, como também a possibilidade de entretenimento que as trezenas ofereciam. Isso porque trata-se de um grupo que dentro de suas particularidades e limitações geográficas produziu uma cultura festiva dentro de um espaço rural, como uma tradição que atravessou gerações. E sobre isso Elivaldo de Jesus, afirma que:

Ao se pensar nesses grupos, refletimos sobre homens e mulheres que se inscreveram na história de suas vidas tais práticas, criaram e recriaram comportamentos e atitudes em relação a seu lugar e ao do outro, elaboraram e reelaboraram símbolos tradutores de suas identidades, suas crenças, seus valores em fim, construíram suas múltiplas experiências. (JESUS, 2006, p.14)

Falamos aqui, da experiência de pessoas que participaram das trezenas por inúmeros motivos, sejam estes, os pautados em suas crenças e fé, ou até mesmo pelos atrativos da programação das trezenas, como oportunidade de divertimento. E que por isso, conservaram em sua memória as lembranças de um tempo que marcou suas vidas, tanto que ressurge repleto de detalhes quando evocado. De acordo com Ecléia Bosi, a memória além de mediadora de gerações, ela também tem o poder de intermediar a cultura, que se formaliza através das instituições formalizadas, podendo ser elas: a escola, o partido político, a Igreja etc.(BOSI, 2003.p.15)

Dessa forma, o intermediador cultural que mais está em foco aqui será a Igreja, como fator mediador através mudanças ocorridas no cotidiano do Argoim, que contribuiu com a formação da memória daquelas que participaram da festa de Santo Antonio. Bem como as mudanças no cotidiano que, se movimentava para a realização das trezenas.

O culto em comemoração aos santos católicos tem sua origem na Europa Medieval, quando o clero sentiu a necessidade de que se fosse apresentado aos fiéis, histórias sobre pessoas que dedicaram suas vidas ao cristianismo e por isso, foram santificadas. E por conta de sua conduta, estes deveriam ser lembrados, como modelo a ser seguido. De acordo com Márcia

Santos e Teresinha Duarte, a narrativa hagiográfica “pode ser tomada como expressão de deveres e memória”. (SANTOS e DUARTE, 2010, p.01)

Ou seja, a hagiografia foi uma forma encontrada pela Igreja Católica de garantir que a história sobre a vida dos santos e santas seriam perpetuadas, e para, além disso, seriam imitadas pelos povo, como uma forma de educá-lo conforme as regras eclesiais estipuladas pelo catolicismo. (SANTOS e DUARTE, 2010, p.01)

Sobre o procedimento da Igreja católica para manter o povo sob suas regras Edilece Couto, traz a seguinte afirmação:

É verdade que a Igreja Católica teve sempre a intenção de impor suas ideias de cristianismo as populações que desejava converter. Isso é válido para a Europa pré-cristã e para os continentes nos quais as nações européias desenvolveram a colonização. (COUTO, 2010, p.53)

Nesse sentido podemos compreender que a formação católica do Brasil tendo o seu início durante o Período Colonial, pode ser considerada como uma extensão dos ideais da Igreja Católica na Europa pré-cristã. Pois ao pensarmos nas fundações dos colégios pelos padres jesuítas ou nas nomenclaturas das vilas, cidades etc, poderemos observar que estes, estavam sempre vinculadas aos nomes dos santos e santas. Isso porque a religiosidade vivida na Colônia estava

(...) profundamente ligada a estes “intercessores”, sobretudo os taumaturgos, mas também os mártires e pregadores que por sua ação “gloriosa” no mundo haviam recebido a canonização da Igreja em várias épocas. Objeto de devoção popular, patronos de cidades, vilas, grêmios, ofícios, regedores do dia-a-dia dos fiéis na ordenação do calendário, os santos adquiriam importância maior nesta época de que haviam tido na Idade Média. (VAINFAS, 2002, p.37)

Ao observarmos a devoção que popularizou aos santos e santas, contribuíram significativamente para a normatização da Igreja Católica, mas também criou-se uma oportunidade relacionada a forma particular em que cada local do Brasil, que para além da virtude e modelo de vida que os santos e santas representavam para o povo, as formas de culto foram se resignificando através da apropriação desse cultos. E desta forma surge,

(...) uma cultura do interior do Brasil, marcada por costumes locais tais como as chamadas “festas de santo”. Temos como hipóteses que essas festas compõem e recompõem as representações que homens e mulheres, habitantes do meio rural e de pequenas cidades do interior do país, possuem sobre seus santos e santas de devoção. (SANTOS e DUARTE, 2010, pp.1-2)

O povoado do Argoim, se enquadra perfeitamente na definição destas autoras, e não fugiria a regra visto que, todos os realizam as trezenas em homenagem a Santo Antonio. Estes festejos com a duração de treze dias, seguem uma programação era pensada com todo o cuidado pelos

freqüentadores assíduos da igreja de Santo Antonio de Argoim. E como a maioria da festas de santo católico, há sempre o momento para diversão, e dentro da programação de uma sucessão de dias, não falta espaço para as sociabilidades. Pois, no catolicismo popular, sagrado e profano, sempre se misturam.

PREPAREM-SE PARA O GRANDE TEATRO DA FÉ

A festa de Santo Antonio do Argoim, seguia uma programação composta por treze noites, nas quais, não apenas os moradores do Argoim, como também as pessoas que habitavam a região saíam de suas casas e reuniam na Igreja, para rezar e cantar hinos em louvor a Santo Antonio. Como uma peça de teatro, os argoienses, se transformavam em protagonistas, pois desenhavam na história do povoado do Argoim, a tradição e a cultura da festa de santo Antonio. Assumiam seus papéis dirigindo e atuando no espetáculo da fé, como uma companhia de teatro, mas em um espetáculo que encenava a vida real, coberta por vivências e significados peculiares a cultura local.

Sobre estas questões, Mary Del Priore nos diz que:

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a rechearam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crenças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários. (DEL PRIORE, 2000, p.10)

Um de nossos entrevistados, senhor Ademario Cunha³ de 74 anos, morador do Argoim, descreve, como as pessoas se mobilizavam para participarem das noites de trezena e como aconteciam: “Nois ai das fazenda, vinha todos. Vinha todos, só se perdia se tivesse chuveno, muito. Mais chuvinha nunca impatô, nosso grupo sai para vir rezar, aqui. Néra celebração de, como hoje é não, né. Era reza né. Quando seu Ademario diz que “Néra celebração de, como é hoje não” .Ele nos faz entender que as reuniões que eles realizavam, por ser conduzidas por um grupo de leigos, para o nosso entrevistado não tinha a validade de uma celebração. E o que caracterizaria essa celebração, seria a presença de um sacerdote. Isso nos mostra que o nosso entrevistado, mesmo sem a intenção nos informa sobre as praticas do catolicismo popular, onde pessoas leigas tinham o compromisso de saírem de suas residências e reunirem-se em louvor a um santo.

E indo mais, além, quando o entrevistado diz, “Nois ai das fazenda, vinha todos. Vinha todos, só se perdia se tivesse chuveno, muito. Mais chuvinha nunca impatô, nosso grupo sai para vir

³ Entrevista com Sr. Ademario Oliveira Cunha, 74 anos. Argoim, 16/07/2011.

rezar, aqui. Ele confirma a força da fé de um povo que nem a chuva os impedia de caminhar alguns quilômetros a noite, debaixo de chuva para realizar as orações ao santo. Mas além do louvor e adoração que o momento lhes proporcionava, existia também a oportunidade de estar em grupo, de rever pessoas, uma forma também de se distrair. Pois o meio rural, não oferecia tantas oportunidades de diversão.

O fato de entrevistarmos o senhor Ademário⁴ em sua residência, talvez tenha o deixado bastante a vontade, e a mediada que fazíamos perguntas, o mesmo respondia com prazer e cordialidade. De acordo com Alessandro Portelli:

A essencialidade do individuo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, a memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio Social, em ultima análise, o ato de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. (PORTELLI, 1987, p. 16)

No caso do nosso entrevistado, podemos perceber que em sua memória encontram-se elementos que dão vida a cenas ocorridas no passado, experiências essencialmente pessoais, que trazem a tona o meio social ao qual ele vivia. Ou seja, as vivencias quotidianas, que acabavam por se alterar devido aos festejos de Santo Antonio.

O Sr. Renato Rebouças, ⁵80 anos, morador do povoado de Paraguaçu, que no passado fora uma das pessoas que estiveram à frente da Igreja do Argoim, sobretudo na organização dos festejos, nos recebeu gentilmente, no seu quarto, onde por motivos de saúde passa a maior parte do tempo. E logo ao entrar naquele espaço, percebemos que o nosso entrevistado tem uma forte ligação com a religiosidade. Pois ao lado de sua cama existe um altar, onde se encontram um pequeno oratório e algumas imagens de santo, dentre elas, a de Santo Antonio. A observação que pode ser feita é a sinalização da “presença do sagrado no espaço do privado lar”. (MOTT, 1997,p.164) A relação de intimidade estabelecida entre o homem e o sagrado. Assim, podemos analisar esta manifestação de devoção popular, sob a perspectiva de Mott, com relação aos santos da corte celeste lusitana a qual Santo Antonio é considerado campeão de popularidade: “Não há casa que não o venere no seu oratório e não satisfeita ainda com isso, a comum devoção dos fieis, cada um quer ter só pra si o seu santo Antonio ⁶” (MOTT, 1997, p186)

Assim podemos observar que a presença de uma imagem do Santo, talvez possa revelar, que o devoto, o venera e o quer o mais próximo possível. Mas voltemos a dialogar com nosso depoente, O Sr. Renato Rebouças, mostrou-se muito entusiasmado em responder nossas

⁴ Entrevista com Sr. Ademário Oliveira Cunha, 47 anos, Argoim, 16/07/2011.

⁵ Entrevista com Sr. Renato Costa Rebouças, 80 anos, Paraguaçu, 24/07/2011.

⁶ APUD, MOTT, Luiz. Frei Antonio de Santa Maria Jaboaão, Novo obre sacrificio, vol. II, pp. 343 e ss.

perguntas sobre as trezenas de Santo Antonio e sem sombra de duvidas foi a nossa entrevista mais longa.

E quando perguntamos sobre porque os festejos de santo Antonio duravam treze dias eles nos respondeu:

Porque começam as trezenas no dia 1º, até o dia 13, agora no ano qui num é. Como agora mermo, começa no dia 5 no dia 6, mas tem qui ter as trezenas. Era, era reza somente, num tinha missa, somente a reza. Agora digamos, tinha o,o,o aqueles mordomos daquela noite, uma das casadas, dos comerciantes, dos fazendeiros, tinha de Antonio Ribeiro Rebouças, tinha uma qui era de meu pai im vida dele, qui era no dia 2 de junho qui era o dia de nascimento dele, tinha a do dia primeiro qui era a de Nutina qui, a mãe dela qui era Juvina Queiroz⁷.

O senhor Renato Rebouças, assim como os demais entrevistados, não responderam com convicção sobre o por que os festejos a santo Antonio tem a duração de 13 dias, isso pode ser perfeitamente aceitável dentro de uma pesquisa pois,

(...) dúvidas e incertezas da pesquisa não são meros procedimentos técnicos seguidos pelos historiadores bem treinados em seu ofício. São fundamentalmente, procedimentos éticos, que servem para regular as relações entre os próprios historiadores, e entre suas fontes e entre estes e seus leitores. (AMADO, 1987, p.146)

As palavras, de Janaina Amado nos fazem refletir sobre os diversos meandros de uma pesquisa, principalmente quando se trata de uma fonte oral, pois, é um procedimento extremamente ético, pois o depoente não tem por obrigação nos responder aquilo que desejamos de forma completa e objetiva. Ele responderá a sua maneira e se tratando de um tema que envolve catolicismo popular como é este, ao longo do tempo, a devoção a Santo Antonio, se espalhou por diversos lugares assumindo formatos variados.

Assim a popularidade dos festejos, e suas particularidades é o que na verdade importa. Além do mais, estamos lidando com uma história que encontra-se registrada na memória, possa ser que o entrevistado saiba porque é dia treze, e porque são treze dias de culto, e por algum motivo naquele momento o entrevistado não lembra. Até mesmo o fato de estar sendo entrevistado pode bloquear algum fio desse tecido que possa tecer essa história.

Dessa forma, podemos dizer que o nosso depoente, trouxe informações preciosas relacionadas a organização das trezenas, que cada uma destas noites, eram dedicadas a um grupo em especial, ou a uma pessoa por tratar-se de ser uma data natalícia, como ele mesmo se utilizou da expressão “aqueles mordomos daquela noite”, entendemos esta expressão como, uma maneira de classificar um lugar de privilégio dentro daquele evento religioso.

⁷ Entrevista com Sr. Renato Costa Rebouças, 80 anos, Paraguaçu, 24/07/2011.

É perfeitamente compreensível, que o catolicismo popular da região de Argoim tenha assumido estas práticas para com as trezenas de Santo Antonio, pode ser que em outros lugares tenham assumido este mesmo papel, ou assumido de forma diferente.

Frei Basílio Rower, traz a seguinte definição para a data e para as trezenas:

S. Antonio morreu no dia 13 de junho, seu corpo foi trasladado para Santa Maria numa terça-feira. Em comemoração destas datas faz-se a trezena de orações para pedir sua intercessão. As terças-feiras podem ser seguidas ou também as primeiras terças-feiras de treze meses. Mas vale também começar em qualquer dia e continuar durante treze dias. As orações são de livre escolha⁸. (ROWER, 2001, p. 141)

O dia 13 de junho é o aniversário de morte de Santo Antonio, a principio, as trezenas seriam pela sua intercessão, mas o que se configura em específico dentro do espaço da festa de Santo Antonio do Argoim é que cada noite da trezena é dedicada a um grupo ou a alguém. Algo perfeitamente compreensível, pois o culto a santo Antonio reconfigura e se reassignifica, revelando práticas do catolicismo popular relacionadas a vivencia e a cultura local, como algo de peculiar. “As festas rompem coma normalidade e criam novas formas de ser reconfiguradas com base nas normas estabelecidas pelas festividades”. (ANDRADE, 2009, p.38)

A própria livre escolha de como devem ser dados os passos para realização do culto, já abrem brechas para que os fieis o conduzam da melhor maneira que lhes couber realizar. Ao praticar o culto das trezenas, já nos foi dito, que a comunidade se reunia a noite para rezar e cantar hinos de louvor a Santo Antonio. Mas no ultimo dia, tinha uma programação especial, que não era apenas composta de atividades de cunho religioso, havia momentos reservados a diversão. E nestes espaços a festa desfilava entre o sagrado e o profano. Sobre esta relação entre o sagrado e o profano que ocorrem nas festas religiosas, Edilece Couto nos afirma que:

A maior expressão de devoção na Bahia era realização dos festejos em homenagem a um determinado santo, que incluíam novenas, procissões, foguetórios, banquetes e bailes populares. Afinal, as festividades não eram exercício público de piedade, mas uma ocasião propícia aos divertimentos e a interligação entre o sagrado e o profano. (COUTO, 2010, p.71)

A festa religiosa de Santo Antonio do Argoim, tem características parecidas com as citadas por Couto, dentro de nosso quadro de entrevistas, foi revelado a existência de alvorada, missa, batizados, procissão, leilão e baile. Não apenas a religiosidade estava presente no cotidiano da festa, mas também os folguedos, mesmo que com o pretexto de arrecadar fundos de arrecadar fundos para o ato religioso, os eventos profanos sempre ocorriam. Segundo Andrade:

⁸ ROWER, Frei Basílio. **Santo Antonio**: vida, milagres e culto. Editora Vozes. Petrópolis, 2001, 14ª ed.

(...) não se vive apenas no âmbito sagrado ou no profano, esses dois espaços coexistem e podem ser habitados pelos mesmos indivíduos em momentos distintos. Afinal, é ao homem impossível viver apenas do sagrado, mas seu afastamento dessa relação o tornaria ainda mais frágil pela perda da fonte de esperança e de fé. (ANDRADE, 2009, p. 139)

Então, na festa de Santo Antonio do Argoim, as pessoas não se afastam do sagrado na esperança de fortalecer-se espiritualmente, mas ao mesmo tempo, não abrem mão divertiam-se com os eventos, não religiosos que o evento propõe. Ou seja, o dia 13 de junho, consagrado a Santo Antonio, de acordo com o Sr. Renato Rebouças, seguia a esta programação: “Agora os festejo era isso: alvorada dimanhã, (...) Depois. Num tinha batizado na véspera da missa não, os batizado era as duas hora. Eu cheguei abrir a Igreja, e eu anotar, or, os nome”⁹.

O Sr. Renato, descreve a ordem dos primeiros festejos do dia 13. A alvorada, foguetório que anunciava os festejos acordando os fieis, a tão esperada missa de Santo Antonio e os batizados. Na década de 70 e 80, não se tinha tantos padres a disposição das comunidades rurais, as missas aconteciam esporadicamente nas igrejas ou capelas dos povoados, e as pessoas esperavam essa ocasião para se realizar os batizados ocorriam nos dias das missas festivas.

Vejamos então o que dona Maria Lucia Sampaio, diz sobre os batizados.

(...) os batizados eram 2 horas da tarde, hoje o batizado é no sábado, na véspera, mas antigamente, era no dia da festa, 2 horas batizava, vai muitos batizados “qui” as vezes a Igreja não comportava. Eu já batizei criança em frente a Igreja pelo pé de Oti, uma roda enorme e afilhados e padrinhos então aí, quando era 5 horas, 5 e meia saia a procissão, com o na, ando¹⁰.

A distância entre a porta da Igreja do Argoim a arvore o “pé de Oiti”, é de aproximadamente uns vinte metros, assim podemos perceber a quantidade de pessoas e a demanda que havia para os batizados. Além disso, o tempo, que se é descrito, pois nossa depoente afirma que os batizados iniciavam às duas horas, finalizando-os entre as cinco e cinco e meia.

Ao término dos batizados, os pessoas já estavam preparados para a procissão, e os santos devidamente acomodados em seus andores. Como nos informa o Sr. Renato Rebouças

(...)quando era 4 hora a gente já tava, cum as image na charola, já tinha botado na (...), e o santo Antonio num era esse qui tá saino hoje na charola não. Era aquele qui tá lá no artá. Qui a gente subia lá, tirava, e dava duas cá imbaxo, porque uma só ia dirruba, porque, ele é pesado num é. E colocava na charola. Quando terminava, a, a procissão. 8 hora, novamente a reza, ai agora o lilão, anda em frente da porta da Igreja num é¹¹.

⁹ Entrevista com Sr. Renato Costa Rebouças, 80 anos, Paraguaçu, 24/07/2011.

¹⁰ Entrevista com dona Maria Lucia Sampaio de Oliveira. 64 anos, Argoim, 22/07/2011.

¹¹ Entrevista com Sr. Renato Costa Rebouças. 80 anos, Paraguaçu, 24/07/2011.

Quando o senhor Renato, narra os cuidados tomados, para tirar a imagem do altar em segurança, diz que era preciso a presença de duas pessoas para segura-la devido a seu peso. No momento em que nos informa sobre esse fato, o nosso depoente faz uma viagem ao passado, e surgem em sua memória, as mais variadas lembranças, pensemos nas imagens que estão sendo revividas neste momento, no qual ele foi capaz de trazer a tona o peso da imagem do Santo, como algo a ser ressaltado. Isso nos remete a pensarmos no cuidado dispensado ao Santo. Cuidado este que pode ter as mais variadas interpretações, tais como, não desfigurar uma imagem divina, o que seria imperdoável, pela comunidade, além disso, a possibilidade de ser castigado pelo Santo por não cuidar direito da imagem do mesmo. Ou seja, esses ideais de castigo dos céus que povoam o imaginário cristão. Então era de bom grado ter cuidado, para evitar problemas.

E seguia a procissão, pela Praça do Argoim, e homens, mulheres e crianças a acompanharem Santo Antonio. O trajeto era curto apenas uma volta na praça do vilarejo que no tempo estudado, nem mesmo tinha ruas calçadas, mas havia a presença de homens e mulheres preocupados com suas vestimentas. Como comenta dona Laurita Oliveira, esposa de seu Ademario, se mostrou muito satisfeita em poder contribuir com nossa pesquisa revelando detalhes sobre os trajes das pessoas participavam da festa

(...) essas pessoas filhos do Argoim, qui residem em São Paulo e vinham para a festa de santo Antonio...todos, nesses trajes né...social, posso dizer né. Traje azul, é era muito bunito, (...)tudo de terno azul marinho, todos seis, sete que fosse, oito que fosse,todos iguais¹².

Estar bem vestido naquela ocasião era uma questão de honra, entre os participantes dos festejos de Santo Antonio tanto homens como mulheres. E sobre esta questão dona Maria Lucia, nos diz que as pessoas sobre tudo as mulheres,

(...) tinha prazer de ir, a missa de santo Antonio, fazer vistido novo, tinha aqui pessoas qui fazia 2 , 3 e qui vistia, da missa, a procissão era outro e pro baile, outro. Eu nunca fiz 3 não porque eu não tinha condição.Mas o pessoal usava¹³.

A forma de se vestir denotava uma certo status aos participantes, alguns de nossos depoentes revelaram que, existiam muitas pessoas que freqüentavam os festejos de santo Antonio durante as trezenas, mas que no dia 13 em que ocorria a missa e os demais evento, não participavam por não ter condições de comprar as vestimentas que a ocasião pedia.

Após a procissão, os festejos prosseguiam com o leilão e que segundo os moradores, era uma atividade muito animada e ao como nos descreve dona Maria Lucia:

¹² Entrevista com dona Maria José de Oliveira Cunha, 72 anos. Argoim,14/07/2011.

¹³ Entrevista com dona Maria Lucia Sampaio de Oliveira. 64 anos, Argoim, 22/07/2011.

Os leilões eram antes sim, os leilões eram antes da festa, leilões era tinham muitos prêmios, todos doados...e...dava um dinheiro muito bom. O pessoal reunia pra... grita o leilão qui era assim chamado né? Uma pessoa gritava e os Oto rematava aquele premio, usava muito dá as namoradas, as noivas, as isposas, os amigos! Muitos pirus frangos enormes, carneiro e, e bijuteria, essas coisas assim jarro, essas coisas qui se usa em casa de infeite.¹⁴

A premiação descrita por dona Maria Lucia, revela que as pessoas doavam para o leilão objetos simples, de valores acessíveis ou animais que muito provavelmente eram produto das fazendas circunvizinhas do povoado do Argoim.

E o baile então, os depoentes fazem questão de frisar a festa dançante como um momento de luxo e elegância. Ou seja, um lugar onde não se entrava “em manga de camisa” como afirmou o Sr. Renato Rebouças, de forma que, os homens só entravam de terno o chamado “palitô e gravata”. Dona Laurita, outra depoente que foi muito gentil ao abrir as portas de sua casa para nos e falar sobre suas experiências como participante da festa, nos diz, “Era uma festa muuuuuito.... social, fazia prazer, quem viesse difora , pra entrar no salão, pra ver todo mundo bem arrumado. (...)Sinto saudade, só o que eu sinto saudade é do tempo que eu dançava.”¹⁵.

Social se referia aos trajes e a forma como a festa era conduzida, um baile em pleno meio rural, orquestrado. O baile da festa de Santo Antonio no Argoim, segundo os depoentes, contou muitas vezes com a presença das filarmônicas “Bonfim” da cidade de Castro Alves e a Lira Itaberabense, de Itaberaba. Seu Ademario diz que “No tempo de, de...dá, quer dizer quasimento não era dança de forró, que era filarmônica num é. Era a filarmônica “qui’ vinha”¹⁶.

Quando perguntamos a Sr. Aloísio esposo de dona Maria Lucia sobre os tipos de dança que comum mente era dançado nestes bailes ele diz: “Ah! Tinha valsa, tinha bolero, quando tinha um, tal suingue que eu nunca acertei”¹⁷, o entrevistado encerra a frase aos risos, ao declarar não ter conseguido aprender a ultima modalidade de dança mencionada.

Analisando a memória e a oralidade das pessoas que falaram sobre suas experiências com os leilões e as festas, podemos perceber que se sentem saudosas daquele tempo, dos momentos de descontração e relaxamento provocado por tais atividades. Bem como se percebe a satisfação, ao falar do requinte, empregado no baile, no que diz respeito não só ao rigor exigido na forma de se vestirem como também, na presença da filarmônica e nas danças de salão, pouco comuns para uma localidade rural.

¹⁴ Entrevista com dona Maria Lucia Sampaio de Oliveira. 64 anos, Argoim, 22/07/2011.

¹⁵ Entrevista com dona Laurita Pereira Oliveira, 72, anos. Argoim, 14/07/2011.

¹⁶ Entrevista com Sr. Ademario Oliveira Cunha, 74 anos. Argoim, 16/07/2011.

¹⁷ Entrevista com Aloísio Santos de Oliveira, 71 anos. Argoim. 22/07/2011

E dentro deste mosaico de culturas que se desenrolava a trama dos festejos de Santo Antonio pode perceber as práticas sagradas e profanas imbricadas na programação. Muito provavelmente, os festejos a Santo Antonio do Argoim, deveriam ser os acontecimento mais esperados do ano, a julgar pelo entusiasmo dos depoentes. Pois sentimos em suas narrativas a viagem que estes fazem ao passado e se deliciam com as lembranças de um tempo feliz, no qual eles tiveram a oportunidade de vivenciar praticas religiosas e mundanas, que moldaram a cultura argoense.

FONTES:

Fontes escritas:

IBGE, Rafael Jambeiro. Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/rafaeljambeiro.pdf> (Acessado em junho de 2010)

ROWER, Frei Basílio. **Santo Antonio**: vida, milagres e culto. Editora Vozes. Petrópolis, 2001, 14ª ed.

Fontes Orais:

Depoente: Ademário Oliveira Cunha, 47 anos, Argoim, 16/07/2011. Entrevistado em sua residência.

Depoente: Aloísio Santos de Oliveira, 71 anos. Argoim. 22/07/2011. Entrevistado em sua residência.

Depoente: Laurita Pereira Oliveira, 72, anos. Argoim, 14/07/2011. Entrevistada em sua residência.

Depoente: Maria Lucia Sampaio de Oliveira. 64 anos, Argoim, 22/07/2011. Entrevistada em sua residência.

Depoente: Renato Costa Rebouças, 80 anos, Paraguaçu, 24/07/2011. Entrevistado em sua residência.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta. **O Império do Divino**. Festas Religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

AMADO, Janaína. **A culpa nossa de cada dia**: Ética na história oral. IN; PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós- Graduated em História e do Departamento de História da PUC- SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)- São Paulo, SP- Brasil, 1987. Nº 15.

ANDRADE, Fabiane da Silva. **Abre alas, minha gente!** Festa, cultura e religiosidade popular no Terno de Reis Humildes da Alegria – 1966 a 1993. UNEB (dissertação de Mestrado) Ano 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança dos Velhos, - 3ª ed – São Paulo: Companhia das Letras 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaio de psicologia social/ São Paulo. Arteliê Editorial, 2003. 2ª ed.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de Festas**: homenagem a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)-Salvador: EDUFBA, 2011.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: BRSailiense, 2000.

- JESUS, Elvaldo Souza de. **Gente de promessa, de reza e de romaria: Experiências devocionais da ruralidade do recôncavo sul da Bahia (1940-1980)**. Salvador Bahia, 2006. Dissertação de Mestrado UFBA.
- PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. IN; PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC- SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)- São Paulo, SP- Brasil, 1987. Nº 15.
- SANTANA, Eddy. **Rafael Jambeiro: Sua História seu Povo**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2009.
- SANTOS, Márcia Pereira dos. DUARTE, Teresinha Maria. **A escrita hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos**. Fazendo gênero 9. IN: Diáspora, diversidade, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocomplet_ofaz.genero.versaofinal.pdf (Acessado em 10/12/2011)
- VAINFAS, Ronaldo. SOUZA Juliana Beatriz. **Brasil todos os Santos**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2002. (Descobrimo o Brasil)